

Resumo de Tese

Sofrimento Físico, Psíquico e Moral no sector do calçado em Portugal

Contributos para uma Psicodinâmica do Trabalho

Clara Araújo

ClaraAraujo@esenfvc.pt

Faculdade de Motricidade Humana

Estrada da Costa, Dafundo

1495 – 688 Lisboa

Araújo, C. (2003). Sofrimento Físico, Psíquico e Moral no sector do calçado em Portugal. Contributos para uma Psicodinâmica do Trabalho. Tese de Doutoramento. Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade do Porto, Porto.

1. Contextualização da problemática

O ponto de partida deste trabalho decorre de reflexões teórico-metodológicas, em torno da função do trabalho na vida das pessoas e em particular da sua saúde e remete para a questão: De que modo o trabalho pode gerar sofrimento contribuindo para o desequilíbrio da saúde em alguns trabalhadores e, como é que noutras situações de trabalho acaba por se constituir factor estruturador, podendo observar-se que é então, pelo trabalho que as pessoas acabam por defender, de forma holística o seu equilíbrio psicofisiológico e social, construindo a sua saúde. Neste sentido, definimos como objectivos deste estudo a análise do sofrimento no e pelo trabalho nas suas dimensões física, psíquica e moral e, a compreensão do domínio do sofrimento e das estratégias defensivas construídas pelos sujeitos para evitar oscilar na descompensação psicopatológica.

Consideramos a saúde na óptica da normalidade segundo Dejours (1995), isto é, partimos do pressuposto que a saúde não é um dom natural e não existe saúde perfeita. A saúde constrói-se, no sentido da obtenção de um equilíbrio precário mas aceitável onde o sofrimento não está ausente mas é compensado. À luz da concepção das relações do homem com o trabalho, justifica-se, um triângulo fundamental, o da dinâmica da identidade de F. Sigaut constituído por três pólos: o do EU – o do REAL – o do OUTRO, que toma em psicodinâmica do trabalho uma forma específica – a do triângulo da psicodinâmica do trabalho. Neste, o EU é um sujeito de sofrimento, o REAL é indexado ao trabalho e o OUTRO substituído pelo reconhecimento (Dejours, 2000). Este triângulo, modeliza o princípio segundo o qual as relações entre um sujeito (eu) e um grupo (outro) não se reduzem a simples relações de poder ou de reconhecimento, mas são sempre profundamente enraizadas num acto, numa actividade, numa conduta individual sobre o “REAL”. Daí que a realização do EU, passa necessariamente por uma mediatização, na relação ao REAL que constitui o trabalho.

Assim, a negação e/ou o não reconhecimento da realidade do trabalho numa pessoa pode ser fonte de sofrimento mental. Mas, em contrapartida, o reconhecimento no trabalho é um elemento determinante da realização da pessoa e contribui para a construção da sua identidade.

2. Três níveis de análise

Deste modo consideramos que cada um dos três estudos que desenvolvemos se situa de forma privilegiada num dos três pólos do triângulo de Sigaut, embora a nossa análise se tenha enriquecido progressivamente aproximando-se aos poucos da riqueza dos contributos da psicodinâmica do trabalho.

O nosso primeiro estudo – na realidade conduzido numa fase anterior à nossa imersão na obra de Dejours – privilegia o Eu – quer dizer, o sujeito que trabalha. Os pressupostos teórico-metodológicos do estudo foram os da abordagem tradicional ao stress ocupacional e à sua influência na saúde mental do trabalhador. Comparou-se um grupo de indivíduos desempregados com um outro de indivíduos empregados, privilegiando-se um conhecimento em extensão, mais do que um conhecimento em compreensão, tendo-se utilizado a escala S.C.L. – 90-E para medir a saúde mental dos indivíduos e uma escala de *Fontes de Stress no Trabalho* para registar as fontes de stress que pudessem descompensar o indivíduo. Todavia, a análise do sofrimento no trabalho também é influenciado pelas condições de trabalho.

É assim que o segundo estudo passa a privilegiar o pólo do REAL – isto é, o lugar do trabalho, tendo a opção metodológica sido a de um estudo de caso numa empresa do calçado orientado para a análise da actividade do trabalho, permitindo construir um melhor conhecimento da actividade dos trabalhadores do sector do calçado.

O terceiro estudo privilegiou o pólo dos OUTROS, isto é, os pares, a hierarquia e os subordinados, no pressuposto de que a relação com o trabalho não é apenas técnica, cognitiva ou física, mas submetida a um contexto intersubjectivo que é central na análise do sofrimento. Neste quadro os outros são os trabalhadores do calçado que se reuniram voluntariamente em grupo com os investigadores em sessões de análise colectiva de trabalho (Ferreira, 1993; 2001), tendo-se constituído um espaço de palavra donde emergiram conhecimentos até aí ocultados sobre o trabalho real.

3. Contexto da investigação

O contexto da investigação desenvolveu-se no sector dos trabalhadores do calçado. No primeiro estudo que teve como pano de fundo a avaliação da saúde mental, criaram-se dois grupos de trabalhadores, um de empregados e outro de desempregados. Os primeiros pertenciam a várias empresas do sector secundário, mas uma boa parte da amostra provinha de uma empresa de calçado.

O facto de parte da amostra da primeira pesquisa pertencer a uma empresa do sector do calçado onde tínhamos a possibilidade de conduzir outro estudo, foi então determinante para o privilégio atribuído ao contexto específico dos trabalhadores, pelo que o segundo estudo se realizou exclusivamente numa empresa de calçado.

O terceiro estudo, tendo em conta a opção metodológica pela Análise Colectiva do Trabalho, foi conduzida com a colaboração e participação da organização sindical do respectivo sector tendo-se constituído dois grupos de trabalhadores do calçado, em locais de inserção geográfica diferentes da região Norte do País, tendo-se respeitado os princípios do voluntariado e do anonimato.

4. Resultados dos estudos

Ao verificarmos no primeiro estudo que a saúde mental dos indivíduos desempregados não se apresentava pior do que a dos empregados estávamos perante um resultado importante para a evolução da nossa reflexão no plano metodológico orientando o nosso olhar para a população empregada.

Este primeiro estudo tornou-se muito útil por nos ter confrontado com um paradigma de investigação epidemiológica, impedindo de analisar o processo de interacção entre o individuo e a situação de trabalho.

É assim, que surge a necessidade de orientar a investigação na análise do sofrimento para uma aproximação ao real do trabalho privilegiando-se princípios metodológicos da ergonomia, tendo-se encontrado no caso analisado perturbações infra-patológicas que confirmam a hipótese de existência de condições de trabalho favorecedoras do aparecimento e desenvolvimento de perturbações músculo-esqueléticas.

O ultimo estudo cuja opção foi a abordagem pela Análise Colectiva do Trabalho permitiu verificar que o sofrimento físico referido é recheado de características que o assemelham a um sofrimento psíquico e moral e que se enraíza nas relações estabelecidas com a hierarquia pela presença de medo e da pressão que a mesma exerce. Contudo a actividade nas suas relações com a hierarquia continua a ser um peso do que na organização é gerador de sofrimento e que os trabalhadores realçaram como fonte de sofrimento que se distingue dos resultados do segundo estudo. O reconhecimento limitado relativamente à riqueza do saber experiencial dos trabalhadores, é uma das queixas expressas pelos mesmos de nem sempre os encarregados e padrões reconhecerem o valor do trabalho do operador.

As formas encontradas pelos trabalhadores para ultrapassar o sofrimento, isto é, as estratégias de defesa individuais e colectivas eram guiadas por um forte individualismo, estimuladas pelo peso da tarefa. A principal defesa psicológica é a negação. Para encontrar forma de conviver com o sofrimento e com a situação de trabalho que o provocou, os trabalhadores negam as situações perigosas coercivas ou penosas e evitam a percepção do próprio medo. Para expulsar o medo e permitir o convívio com os riscos inerentes ao ambiente do trabalho ridicularizam verbalmente as fontes de risco. Nas relações com a hierarquia os trabalhadores fazem humor com as situações ou procuram o isolamento de que é exemplo “fazer que não ouve”.

5. O reconhecimento do sofrimento na prossecução da saúde dos trabalhadores

Nesta tese pretendemos reflectir a questão do sofrimento no trabalho, isto é, a saúde e a forma como é regulada. No entanto, a pouca valorização do trabalho actual e a fragilização do movimento sindical constituem factores que têm contribuído para a ausência de um reconhecimento social do sofrimento dos trabalhadores, tendo contudo os trabalhadores nas sessões de ACT referido que gostariam de dar a conhecer ao exterior o que se passa no trabalho. Há portanto necessidade de reconhecer a saúde na sua concepção global, nas suas dimensões física, psíquica e moral, o que exige ultrapassar a concepção dominante de que risco para a saúde se reduz a um acontecimento que se traduz num dano físico e visível e reconhecer o desgaste no trabalho com resultado de um processo longo e difícil. No entanto a evolução do trabalho conduziu a novas formas de organização e a novos riscos de que assinalamos as perturbações músculo-esqueléticas que no nosso estudo se evidenciaram potenciais e que sendo de instalação insidiosa, o percurso vai sendo mediado pelo sofrimento dos trabalhadores.

Por fim, este trabalho acabou por conduzir-nos a ultrapassar o campo da psicodinâmica do trabalho, sobretudo no que Dejours define como de conteúdo, de significação e das formas de sofrimento, sobretudo porque situa a investigação ao nível do infrapatológico denominando-o de – normalidade. Consideramos com Schwartz (1997), que toda a actividade de trabalho é sempre “uma dramática do uso de si”, uma negociação de cariz problemático entre o uso de si por si e o uso de si pelos outros, em que os operadores realizam a sua actividade em função de arbitragens constantes associadas à instantaneidade e heterogeneidade dos valores da gestão “em si” e “de si”. Assim, embora a psicodinâmica do trabalho nos tenha permitido concluir da importância dos valores na integração das relações que permeiam o quotidiano da actividade de trabalho, Schwartz (1997) demonstra a ligação entre a dimensão ética e a dinâmica social do reconhecimento, tendo – se verificado isso no nosso último estudo.

Assim, o percurso de descoberta que fizemos parece ter-nos conduzido a ultrapassar o paradigma da normalidade que defende Dejours (1995) para considerar o paradigma da história de vida (Davezies, 1998). De facto, para todos, o trabalho cons-

titui uma experiência de prazer e de sofrimento que estrutura a existência – é o vivido dos trabalhadores que estrutura a sua capacidade de recuperar cujo objectivo é: sentir-se em forma, ter domínio sobre os seus actos e ter uma vida que faz sentido. Na perspectiva de que o ser humano não procura adaptar-se mas crescer.

Referências Bibliográficas

- Daveziez, P. (1998). De la récupération psychique. *Santé et Travail*, 25, 35-37.
- Dejours, C. (1995). Comment Formuler une Problématique de la Santé en ergonomie et en Médecine du Travail? *Le Travail Humain*, 58, (1), 1-16.
- Dejours, C. (2000). *Travail, usure mentale*. Paris: Bayard.
- Ferreira, L.L. (1993). Análise Colectiva do Trabalho. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 21, (78), 7-19.
- Ferreira, L.L. (2001). *A Análise Colectiva do Trabalho e seus usos em pesquisas e formação sindicais*. Comunicação apresentada no Séminaire International Analyses du Travail et Formation no CNAM (mimeografado) 7pag.
- Schwartz Y. (1997). *Reconnaissances du Travail: Pour une approche ergonomique*. Paris: Presses Universitaires de France (PUF).

Sufrimiento Físico, Psíquico y Moral en el sector del calzado en Portugal. Aportaciones para una Psicodinámica del Trabajo

Souffrance physique, psychique et morale dans le secteur de la chaussure au Portugal. Contribution pour une psychodynamique du travail

Physical, psychological and moral suffering in the foot-wear industry in Portugal: Contributions to Work Psychodynamics

Como referenciar este artigo?

Araújo, C. (2007). Sofrimento Físico, Psíquico e Moral no sector do calçado em Portugal. Contributos para uma Psicodinâmica do Trabalho (resumo). *Laboreal*, 3, (1), 39-41.
<http://laboreal.up.pt/revista/artigo.php?id=37t45nSU5471122987296622281>

Manuscrito recebido em: Abril/2007

Aceite após peritagem em: Julho/2007